

## CEGUEIRA: CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM E DE ENSINO REVELADAS EM ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BENJAMIN CONSTANT

BLINDNESS: CONCEPTIONS OF TEACHING AND LEARNING REVEALED IN ARTICLES PUBLISHED IN THE BENJAMIN CONSTANT JOURNAL

Katia Regina Moreno CAIADO<sup>1</sup>

**RESUMO:** o objetivo deste trabalho foi refletir sobre as concepções que fundamentam as práticas pedagógicas com alunos cegos. Foram analisados nove artigos publicados na Revista Benjamin Constant, no período de setembro de 1995 a dezembro de 2000. Os eixos de análise foram: como a criança cega conhece o mundo? Qual é o papel do professor? Quais são os objetivos educacionais? Qual é o papel da linguagem? Os resultados revelaram que o paradigma epistemológico que alicerça a discussão sobre a prática pedagógica com o aluno cego centra-se no racionalismo. Considera-se a importância de pedagogos e professores publicarem relatos do trabalho pedagógico desenvolvido com alunos cegos que, sem dúvida, contribuiriam para a formação do educador e para a reflexão sobre a educação de pessoas deficientes visuais.

**PALAVRAS CHAVE:** deficiência visual, prática pedagógica, construção do conhecimento.

**ABSTRACT:** the aim of this study was to discuss the conceptions of educational practices with blind students. Nine articles published in the Benjamin Constant Journal from September, 1995 through December, 2000 were analyzed as to: How does the blind child acquire knowledge about the world? What role does the teacher play? What are the teacher's educational objectives? What is the role of language in this process? The results reveal that the epistemological paradigm that supports the discussion about educational practices with blind students is founded on rationalism. We establish how important it is that teachers publish reports on their pedagogical experiences with blind students because it will surely contribute to the preparation of future educators as well as to the discussion of blind persons education.

**KEYWORDS:** blindness; educational practice; construction of knowledge.

*"Na escuridão percebi o valor enorme das palavras"*  
(Graciliano Ramos)

### 1 Breve histórico do Instituto Benjamin Constant (IBC)

No Brasil, quando refletimos sobre a educação da pessoa deficiente visual, não podemos desconsiderar a trajetória do Instituto Benjamin Constant.

Inicialmente criado como "Imperial Instituto dos Meninos Cegos", em 17 de setembro de 1854, permanece em funcionamento por mais de um século após sua fundação.

A criação do Instituto no século XIX, com a finalidade de educar os meninos cegos, revela-se em consonância com as concepções de educabilidade das pessoas deficientes divulgadas através das promissoras experiências pedagógicas de Jacob

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP, docente da Faculdade de Educação da Puc-Campinas. E-mail: [kaiado@uol.com.br](mailto:kaiado@uol.com.br)

Falar do IBC é também falar da primeira imprensa braile do Brasil que foi organizada em 1863, como oficina de tipografia e encadernação, onde eram impressos, em braile, os livros dos alunos. Hoje, produz impressos, livros didáticos e técnicos que são distribuídos para escolas e entidades dos vários estados. Atende, igualmente, à comunidade com a impressão de cardápios, calendários, instruções de utilização de produtos e serviços, alfabetário, cédulas eleitorais, além de editar e distribuir duas revistas informativas: “Revista Brasileira para Cegos” e “Pontinhos”, esta destinada ao público infantil (IBC, 2002).

Atualmente, o Instituto é composto por quatro departamentos: 1) Educação, 2) Técnico-Especializado, 3) Estudos e Pesquisas Médicas e de Reabilitação, 4) Planejamento e Administração.

O Departamento de Educação é composto pelas divisões de: 1) Educação Infantil: estimulação precoce, jardim de infância e classes de alfabetização; 2) Ensino Fundamental: primeira fase, segunda fase e programa alternativo; 3) Educação Física; 4) Educação Musical.

Diante dessa breve apresentação do Instituto Benjamin Constant, penso ter justificado o porquê, na busca de compreender algumas das concepções que sustentam práticas sociais educativas efetivas na área da deficiência visual, decidi analisar os trabalhos publicados na Revista do Instituto Benjamin Constant, lançada em 1994.

## **2 A revista Benjamin Constant**

O Instituto lançou a Revista Benjamin Constant, como uma publicação técnico-científica do seu Centro de Pesquisa, Documentação e Informação - IBCENTRO. Em dezembro de 1999, a mala direta de distribuição da Revista contava com 2000 endereços de profissionais, familiares, pessoas cegas e com visão subnormal. Nessa data, a Revista era distribuída às universidades e centros de pesquisa

servindo como referência a trabalhos desenvolvidos na área, por bibliotecas públicas, secretarias estaduais e municipais de educação e por instituições de todo o Brasil, América Latina, Espanha, Portugal, África de Língua Portuguesa e por centros científicos de outros países. (VIEIRA, 1999)

A publicação é indexada, disponível na internet e tem periodicidade trimestral. O objetivo da “Revista destina-se à publicação de trabalhos originais, resenhas e traduções relacionadas com as questões de interesse das pessoas portadoras de deficiência visual que englobam educação especial, reabilitação, preparação e encaminhamento profissional, além de oftalmologia e prevenção das causas da cegueira”, conforme afirma o texto das normas editoriais destinado aos pesquisadores, técnicos e profissionais da área que são convidados a enviar trabalhos para publicação.

Dessa forma, penso que os trabalhos publicados na Revista Benjamin Constant, sobre a prática pedagógica desenvolvida com o aluno deficiente visual, são reveladores das concepções que norteiam o fazer cotidiano nas escolas, nas instituições

que sustentam o trabalho pedagógico, concepções conflitantes estão presentes na sala de aula ou na reflexão sobre a prática pedagógica.

Esses conflitos foram encontrados na análise dos artigos. Porém, dentro da finalidade deste estudo, busquei identificar qual era a abordagem teórica da qual o autor mais se aproximava, na medida em que busquei reconhecer e examinar os quatro eixos elencados acima: como a pessoa cega conhece o mundo? qual é o papel do professor? quais são os objetivos educacionais? Qual é o papel da linguagem?

#### **4.1 Como a pessoa cega conhece o mundo?**

4.1.1 *Pelos sentidos sensoriais remanescentes*: 08 artigos, com exceção do artigo 5, afirmam a importância de se trabalhar com os sentidos sensoriais remanescentes na educação da pessoa cega. Porém, há duas concepções diferentes dentre os artigos:

4.1.1.1 *estimulação sensorial como treino sensorial* (artigos 2, 3, 8, 9): o treino sensorial se baseia numa abordagem comportamental, empirista, onde os sentidos são considerados fontes do conhecimento. Pelos sentidos, a criança conhece o mundo, registra impressões, experiencia percepções que serão os conteúdos das idéias;

4.1.1.2 *estimulação sensorial como exploração sensorial* (artigos 1, 4, 6, 7): a exploração sensorial se baseia numa abordagem construtivista, onde os sentidos são importantes à mobilização de estruturas cognitivas internas, universais e, portanto, inatas. Assim, o desenvolvimento cognitivo se dá por estágios e a ação da criança sobre o objeto é fundamental. A criança deve agir sobre o objeto para construir o conhecimento.

4.1.2 *Pela apropriação do saber socialmente construído*: (artigo 5) afirma a importância da apropriação do saber para participação social.

#### **4.2 Qual é o papel do professor?**

4.2.1 *treinar os sentidos*: (2, 3, 8, 9)

4.2.2 *organizar as atividades dos estágios sensório- motor e pré- operacional*: (1, 4, 6, 7)

4.2.3 *mediador do saber*: (5)

#### **4.3 Quais são os objetivos educacionais?**

4.3.1 *discriminação sensorial*: (4,5)

4.3.2 *desenvolvimento global: movimento, percepção, memória, conduta*: (2, 6, 8, 9, 10, 11)

4.3.3 *promoção do homem*: (7)

Assim, pouco se falou sobre a linguagem ou sobre os sistemas simbólicos. Ainda que a discussão fosse sobre o jogo simbólico, o enfoque estava na psicomotricidade, o movimento como forma de expressão corporal e emocional, sem mencionar a linguagem (artigo 8).

Ao falar sobre a linguagem:

- 1 alertou-se sobre o perigo do verbalismo. Verbalismo é o uso da palavra sem apropriação do significado, palavras vazias, desprovidas de conteúdo (Vygotsky, 1995, p. 187). O exemplo utilizado foi: se uma criança está conhecendo sua casa pela experiência sensorial da textura, maleabilidade, sons, olfato, o conceito de edifício pode confundir sua experiência real e ela passar a utilizar essa palavra sem conhecer seu significado. Não se discute como trabalhar com conceitos que ultrapassam a experiência sensorial imediata (artigo 2);
- 2 alertou-se para a fala repetitiva e descontextualizada, muitas vezes presente na criança cega. Não se discutem as poucas experiências interativas das crianças cegas e o quanto estão expostas à solidão, à ausência do outro, enquanto interlocutor efetivo (artigo 2);
- 3 alertou-se o professor quanto à importância do uso da fala para informar o aluno cego sobre seu entorno, estimular que peça ajuda e faça perguntas (artigos 9 e 10);
- 4 alertou-se que o vocabulário se enriquece e se expande a partir do estímulo visual e da experiência pelos sentidos (artigo 4);
- 5 alertou-se que o braile, enquanto sistema simbólico, só deve ser apresentado à pessoa cega após o cumprimento das etapas anteriores do programa de treinamento sensorial (artigo 5).

## 5 Discussão

Os nove artigos analisados representam um terço de artigos publicados no período proposto de estudo.

A análise revelou que o paradigma epistemológico dos fundamentos que alicerçam a discussão sobre a prática pedagógica com o aluno cego centra-se no racionalismo. Considera-se o homem um ser racional, que biologicamente está preparado para conhecer o real; seja pela experiência sensorial, seja pelos mecanismos cognitivos de estruturas inatas e universais.

Nesse sentido, a educação do aluno cego tem seu foco no desenvolvimento de um indivíduo que, embora, biologicamente comprometido com a ausência da visão, pode superar essa limitação na medida em que a prática pedagógica atuar sobre os sentidos remanescentes. Assim, a educação pode adaptar a pessoa cega às exigências do mundo real, como afirma Lima (artigo 9, p. 4):

através da exploração do ambiente pelas mãos, auxiliada por outros sentidos, principalmente audição e olfato, as pessoas portadoras de limitação visual vêm

## 7 Referências

ARAÚJO, S. M. D. *Elementos para se pensar a educação dos indivíduos cegos no Brasil: a história do Instituto Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BENJAMIN CONSTANT. Rio de Janeiro: IBCENTRO, 1995-2000. ISSN 1414-6339.

BUENO, J. G. S. *Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente*. São Paulo: EDUC, 1993.

FERREIRA, J. R. O GT Educação Especial: análise da trajetória e da produção apresentada (1991-2001). In: 25<sup>a</sup>. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2002, Caxambu/MG. *Anais eletrônicos da 25<sup>a</sup>. Reunião Anual Da Anped*. Caxambu, MG, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em: outubro de 2002.

FERREIRA, P. F. , LEMOS, F. M. *Instituto Benjamin Constant: uma história centenária*. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n.1, p.3-8, 1995.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: [www.ibcnet.org.br](http://www.ibcnet.org.br). Acesso em: 03 de janeiro de 2002.

JANNUZZI, G. *A luta pela educação do deficiente mental no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1985.

MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil : história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 7<sup>a</sup> edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

VIEIRA, C. S. Editorial. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro: IBC, n°14, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *Fundamentos de defectologia*. 2<sup>a</sup> edição. Havana, Cuba: Pueblo y Educación, 1995.

---

Recebido em 19/11/2002

Revisado em 10/12/2002

Aprovado em 19/12/2002